

A MORTE SOBRE O CORPO

Poemas: Roseana Murray

Pinturas: Jidduks





Roseana Murray



Passei por uma experiência de quase morte no dia cinco de Abril de 2024.

Com esta experiência, escrevi um livro para crianças “O Braço Mágico” e essa coletânea de poemas que não é para crianças, colocar a minha dor em poesia me fez muito bem.

Divido a vivência dos primeiros dias na CTI com os meus leitores de quem recebi um tsunami de amor

Roseana Murray - Julho, 2024



Jiddu Saldanha



Faço pintura desde criança e a partir de 1998 resolvi criar meu atelier.

Depois de 10 anos longe das tintas e pincéis e telas, recebi este feliz convite e retornei para esta arte que amo tanto.

Minha gratidão à Roseana Murray, por esta parceria do coração.



Dedicatória

Ao Alex Alves, que todos os dias na CTI entrava no meu quarto e dizia: salve minha dama de cabelos vermelhos. E também dedico estes poemas para as minhas maravilhosas aranhas douradas, que faziam dos meus curativos um ato de amor.

Para o Hospital Estadual Alberto Torres, o meu agradecimento sempre.

Roseana Murray - Julho, 2024



A Morte sobre meu corpo
não conseguiu me levar.
Talvez pesasse muito
a minha chave da poesia,
a que carrego sempre
no pescoço.
Talvez um anjo
tenha soprado na sua cara.
Fiquei ali, na rua, abraçada
com as pedras
até que viessem me buscar.



Foi um sono sem sonhos.
Uma longa noite.
Os cirurgiões cortaram,
abriram, fecharam.
As horas galoparam
sobre mim sem que eu nada
sentisse.
Quando acordei, meu braço
direito havia desaparecido.



Reaprender a vida
era a tarefa.
Uma avalanche de amor
me soterrou
em suas nuvens,
entrou pela boca,
me disse é esse o caminho.



Na carteira de identidade
terei que escrever SOBREVIVENTE.
Para quem pergunte
terei que responder,
que a morte me abraçou
mas não conseguiu
me levar.



Já não poderei levar
uma braçada de flores
entre os braços.
Mas empunharei
um girassol feito bandeira
ou espelho,
com a única mão que agora
tenho, a mão que me carrega.



Sou uma mulher antiga.
Brasileira, mas também
eslava.

Judia e pacifista,
e sem ter ido à guerra,
a quem agora falta
um braço.



No antebraço direito
havia uma tatuagem,
um ramo sinuoso de flores.
Às vezes acariciava o braço
como se fosse um jardim.
Faz tempo não chove.

Tudo pede água.



O quarto não tinha janelas.
Na primeira noite
tive alucinações.
Fechava os olhos
e estava na rua,
num beco sujo, exposta.
Algumas pessoas
acocoradas, suas silhuetas.
Abria os olhos
e estava no quarto.
Durante as três
primeiras noites estive ali.
Não sei se a Morte
me olhava de longe.



O braço direito
não existe mais,
mas pensa que existe
e é uma existência sombria
de choques e dor,
como um fantasma
que afiasse as facas
na cozinha.

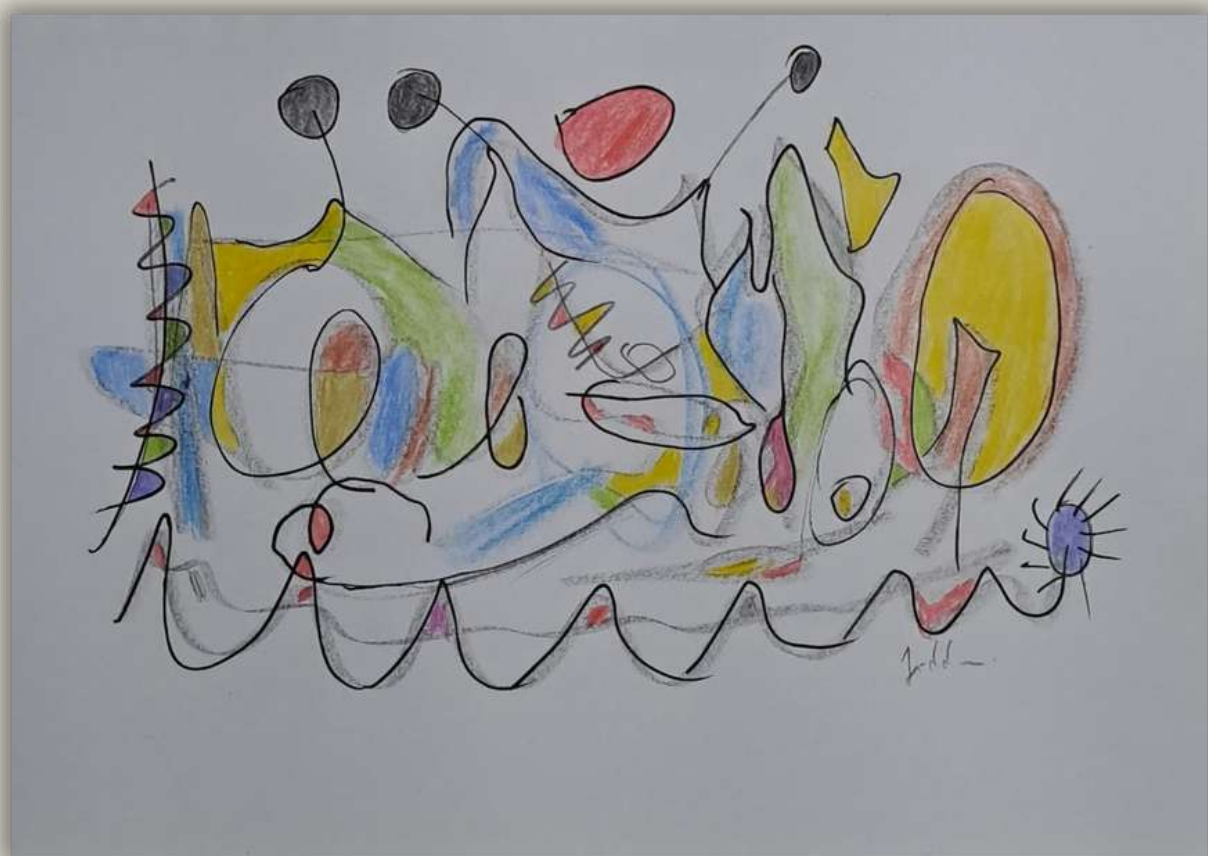


Aprendo a escrever
com a mão esquerda.
Viro criança outra vez.
Rabisco palavras, risco
o tempo, a casa da infância
existe, equilibrada
no balanço da memória.
Todos vivos
numa noite quente,
o timbre da voz de cada
um ressoa,
suja de estrelas.



A mente não se contenta
em mandar choques,
feito correspondência
indesejável.

Desenha o braço perdido,
ele faz o que o outro faz.
Em vão.



Na verdade, com dor
ou sem,
vou vestida
com as cores de quem
enganou a Morte:

Vou com as cores radiantes da vida





FICHA TÉCNICA

AUTORA

Roseana Murray

PINTURAS

Jiddu Saldanha

PROJETO GRÁFICO

jidduks

ISBN -978-65-85568-09-8

[clique aqui](#)

